

revista

Gente

de

PALAVRA

n° 20



Adão Wons Adélia Einsfeldt Ana Beise André Vianna Angela Fonseca Benette Bacellar Bruno Borin Boccia Carlos
Bondoso Carmen Silvia Presotto Cláudia Gonçalves Davi Kinski Édgar Güiza Edweine Loureiro Elsa Camargo
Emmanuel Santiago Felipe Magnus Isaac Luiz Vieira Janet Zimmermann Laupman Lérís Seitenfus Lucas
Esteves Luciana Chaves M Isis Mara Faturi Marcello Rossilho Maria Da Glória Jesus de Oliveira Nijair Araújo Pinto Renato de
Mattos Motta Sandra Regina Pontes Ferreira Sérgio Marques Teixeira Vera Celms Zaira Cantarelli

Este mês estamos lançando, além da revista Gente de Palavra, que conta com apoio do IEL – Instituto Estadual do Livro – o terceiro dos nove livros da coleção Caderno de Poemas, Versa de Renato de Mattos Motta com financiamento do Fumproarte – Fundo Municipal de Cultura de Porto Alegre.

“Poemas que pulsam o tempo do instante”, nenhum outro verso poderia resumir melhor a obra de Renato de Mattos Motta. Retratos do cotidiano bem delineados entre o ver e o sentir, entre o presenciar e o perceber, entre seguir impunemente ou abalar-se com cada movimento que a vida nos traz. Renato não permite que sua existência seja anestesiada pelo conformismo, pela subserviência e reflete todo esse desconforto em sua obra poética. Um desconforto que apenas pessoas despertas e conscientes podem manipular e transformar em arte. Um desconforto que desperta quem adormece, quem anestesiou-se, pois a vida, em sua maior parte, costuma ser dor; e mesmo assim, mesmo lidando com este desconforto, ainda consegue trazer o belo dentro de si, consegue seguir acreditando que o que importa é fazer com que cada vez mais pessoas sigam sendo Gente de Palavra.

MGH

“poemas que pulsam o tempo do instante”

Menina de longe

nos achamos em um livro
de faces misturadas
menina de longe

nos aproximamos pela tela
nos tocamos no teclado
menina de longe

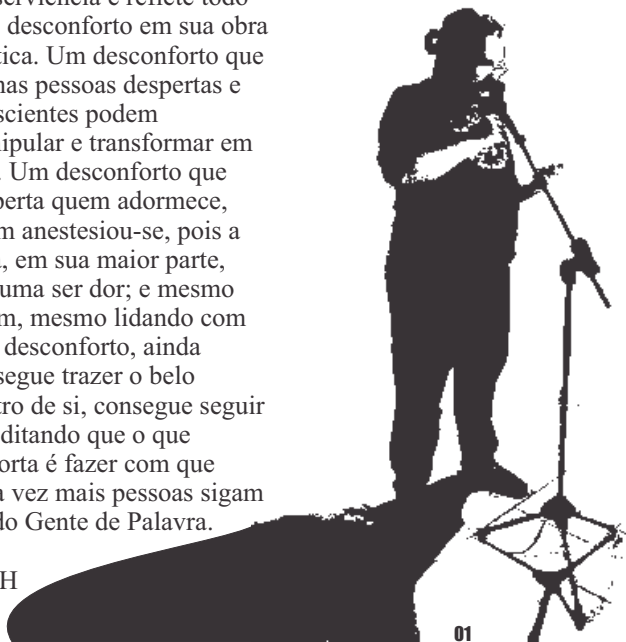
nos desejamos em sonho
carícia de olho fechado
menina de longe

senhora de voos oníricos
dormidos ou acordados
menina de longe

meu voo agora é físico
pelo ar para teu lado
menina de longe

te faço migrar menina
num voo que te faz minha
menina do lado

Renato de Mattos Motta



O homem triste

Ontem eu vi um homem triste
Não era dor, tampouco sofrimento
Apenas tristeza, na sua forma mais bonita e suja
Como a barba de um mendigo velho

Ontem eu vi um homem triste
Mas antes de sentir pena, senti inveja
Inveja daquele semblante egoísta
Que reunia toda tristeza do mundo para si

Ontem eu vi um homem triste, tão triste
Triste demais para que fosse um homem de verdade
Ontem... eu vi um homem no espelho
Ainda bem que foi ontem

Lucas Esteves



Crime perfeito

Poderia ter planejado
Desenhado mapas
Calculado horários
Cronometrado trajetos

Poderia ter apagado
Todos os vestígios
Ocultado os passos
Queimado provas

Poderia ter cometido
O crime perfeito
Mas errei por inteiro
E me prendi a você

Ana Beise

7 vidas

olhe você
pedindo retorno
no espetacular velório
que criaste

fazer o quê
se avisei
que seria esta sua última vida
e você deixou a corda
perto demais do pescoço?

Luciana Chaves



Caldo orgânico

Meus bons amigos!

O Marginal que sofre no gueto sempre foi poesia
A morte na favela sempre foi poesia
Sempre foi poesia, o tiro. O golpe a facção
A lágrima que escorre no rosto preto
O tronco é poesia

O homem do gueto

A fome
O estupro
A sede do velho calunga
A faca no bucho
A pobreza que pari em pobreza sempre foi poesia

Assim como sempre foi poesia
o menino sujo e descalço em lixo

A mestiça moça de corpo rijo
O pivete das laranjas em sacos
A brisa fria que invade os barracos

O morro alagadiço...
O povo entregue ao vício sempre foi poesia

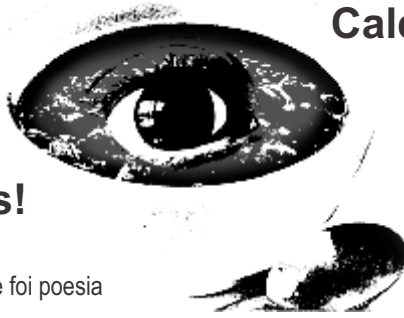
O estado omissos meus caros!

O estado omissos

É a mais genuína poesia!

– Patrimônio Nacional

Isaac Luiz Vieira



caiu sal
em gota
na sopa
caiu um cílio
na sopa
caiu um olho
na sopa
que me olha
de esguelha
sem fome
sem nome
caolha

Janet Zimmermann
CG/MS
21/04/2014



Vênus e Marte

Uma cena de Botticelli:
vê-se Marte amortecido
na mortalha que o amor
teceu; Vênus observa
não se sabe o quê, absorta
em divinos devaneios.

No torso do deus
desfalecido, o branco
glacial é frígida labareda
cristalizada em carne, luz
da estrela polar atravessando
a névoa — ou será
a estrela Sirius? —;
sacrílego lírio ardente,
sereno sirio estelar.

Emmanuel Santiago

Mergulho

Submersos em mim
tenho espaços vazios
frestas
fiapos
rasgos
destroços

há um silêncio de ausências

... me alimento de pensares
e o dia se espatifa em lágrimas.

Zaira Cantarelli



Eu quero as coisas pequenas

Eu quero as coisas pequenas que cabem dentro da alma.
Rasgos de noite estrelada e caminhos de luar.
Aurora recolhendo o véu, pondo vermelho no céu.
Costas deitadas no chão, vendo o vento transformar
Cada farrapo de nuvem em qualquer coisa ou lugar.
Cheiro de café coado, quitanda, queijo curado,
leite espumando na xícara, acabado de tirar.

Eu quero as coisas pequenas que moram no coração.
Gente respeitando gente, partilhando gentileza,
honradez servida à mesa, olho no olho, mão com mão.
Cruzando a rua sem medo,
menino inventando brinquedo com toda arte e afã:
pipa de rabiola, meia velha virando bola, carrinho de rolimã.
Velhas casas com quintais
e quintais com pés de fruta,
aroma e sabor, fartura se espalhando nos quintais.
Amplas janelas sem fronteiras,
bonecas namoradeiras contemplando o adeus do sol.

Eu quero as coisas pequenas que se aninham no meu peito
e, de um ou outro jeito, sempre me fazem chorar.
Eu quero as coisas pequenas que ficaram para trás.
Mas essas coisas pequenas, eu sei, não voltam jamais.





La semilla oscura

I
Mi cuarto huele a húmeda primavera,
la lluvia discurre entre mis dedos
y mis manos se saben pozos de misterio
cuando tus cabellos,
hilos de agua,
llenar su triste cuenca olvidada.

Dose exata

Frutas amargas também matam a fome
Águas turvas também matam a sede
O veneno, na dose exata, também é remédio,
A prece, mau proferida, soa a maldição
Pérolas dadas a porcos, viram alimento,
O céu, coberto pela tempestade, perde o azul,
e transforma a calma em tormenta,
Quem de nós, diante da agressão, não agride?
Proteção, passa a ser ataque,
Palavras mal ditas, soam malditas...
Desabafo, vira ameaça,
Pessoas viram alvo
Como pólvora comprimida, vira explosivo,
A todos, basta um pavio incendiado,
Ninguém está fora de perigo
É preciso distância segura,
Silêncio, também é verdade
Palavras em ouvidos moucos, perdem o sentido
Perdem o poder agressivo
Até o perdão, em corações culpados,
pode significar suicídio...

Vera Celms



II
De mis manos se alza tu cabello,
camino perfumado de misterio,
hacia tu divino rostro,
hacia el encuentro de tu secreta materia
que brota de la semilla oscura de tus ojos.

Édgar Güiza



Menino homem

De que barro
é feito o menino
que sempre
perambula
pelas madrugadas
catando sonhos
perdidos no tempo
sem perceber
que em dias e noites
não importa a matéria
obra da divindade
em sua consistência
sempre é tempo de sonhar.

Léris Seitenfus

Vertente

Lábios entreabertos
jorra água cristalina
na fonte a dançarina

dança, lança
serpente transparente
verte, veste de sonhos

lágrimas escorrem
percorrem
corpo molhado
da boca ao beijo
sacia a sede, desejo.

Adélia Einsfeldt

Dona da Saudade

Ela tem olhos de mar aberto
Profundidade que não se mensura

Herdou dos Deuses, em seus lábios,
O além da eternidade, o infinito

A alma é trajada de lua
E ornada por mistérios

Ela é como um avatar celeste
Consignado a mim sem explicação

Tantas das minhas vidas irão passar
Antes que eu possa traduzi-la

André Vianna

Espelho do silêncio

espelho
por ti passou o silêncio
que se projectou
no avesso sem ruído

calou-se o sentido
que mergulhou
num lago cristalino

apaixonei-me pela paz que transmites

os meus olhos falam
mas não ouves
porque é a voz da solidão

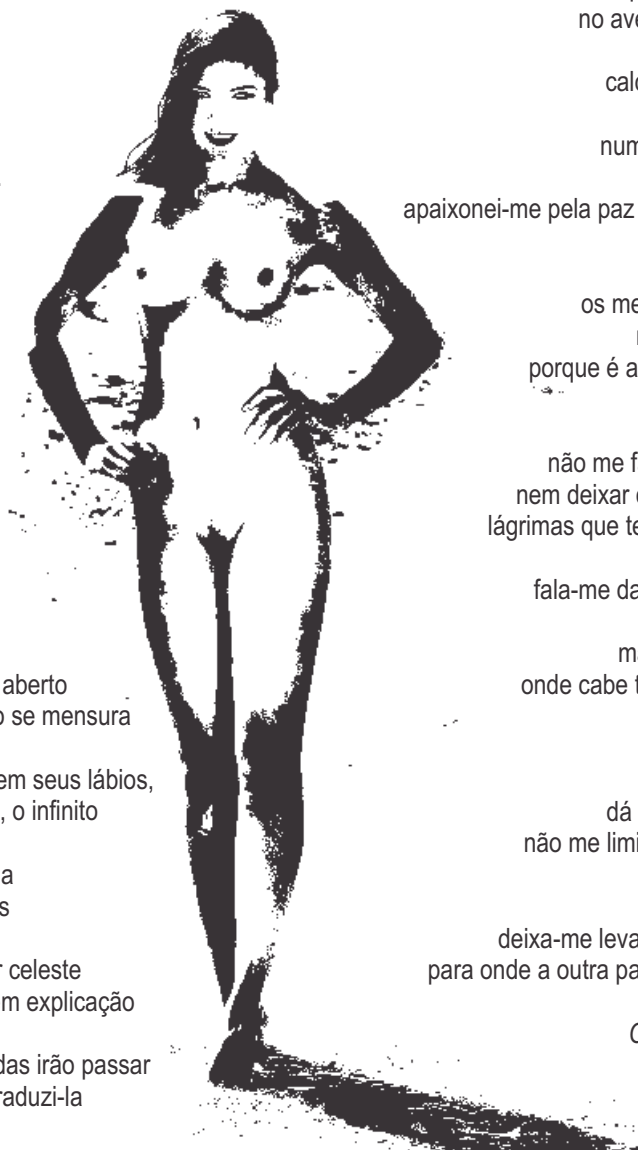
escuta
não me faças lacrimejar
nem deixar cair neste chão
lágrimas que te vão despertar

fala-me da tua imensidão
não tens corpo
mas tens espaço
onde cabe todo o universo

olha-me
dá asas ao infinito
não me limites o horizonte

responde-me
deixa-me levar a imaginação
para onde a outra parte se esconde

Carlos Bondoso
Portugal



Esperança

O outono,
Desfolhando-me,
Cola em meus olhos
Plumas e orvalho
Tornando meus passos
Lentos e cansados
Porém,
Ainda primaverei.

Maria Da Glória Jesus de Oliveira

Flores

Destruí todas as flores
que enfeitavam o meu jardim.
Lembravam dissabores
e zombavam de mim.

Decepei as margaridas
porque eram tagarelas,
as dalias: exibidas
e as rosas: amarelas.

Mas depois do crime feito.
As flores, todas decepadas,
e eu de foice ainda em riste,

Um aperto no meu peito:
Não eram elas as culpadas
de eu estar assim tão triste.

Sérgio Marques Teixeira



Quintanares

Estação Alegrete
um último apito
o trem prossegue

Insólito tempo que não cessa
na rua dos Andradas
hotel Majestic
apartamento 217

Quintanares vive
em silêncios que não calam

Velhos sapatos usados
adornam caminhos passados
calçando fantasmas
que seguem habitados

Quintanares habitam
a enlaçar madrugadas
alucinando as noites
de insônia
fitando a lua no parapeito
da janela enlutada

E agora somos nós Quintana
que realimentamos palavras
tuas
em versos que dizem
saudades.

Adão Wons
Homenagem ao poeta
Mario Quintana

A mi madre

A: Betsy Díaz, mi mamá, mi amiga,
mi hermana, mi consejera, mi cómplice.

A mi madre le debo las cosas pequeñas
y grandes que me ha regalado
sin pedirme nada a cambio
a mi madre debo por ejemplo
mi primer vestido rojo hecho con sus manos a mis cuatro años
debo por ejemplo la compañía de mis dos hermanos
a mi madre debo lo que he aprendido acerca del respeto y la fortaleza
a mi madre le critico el olvido por sí misma
y que se haya adueñado de la inocencia femenina del mundo
porque no ha dejado ni un poco a las demás

A mi madre tengo mucho que aprender
como la paciencia por el mañana,
a superar el ayer,
a limpiar las lágrimas secas
y a curar las heridas viejas,
pero sí le he aprendido a disfrutar del hoy

A mi madre le debo este poema
porque mi corazón ya se lo había prometido en silencio.

Elsa Camargo
Bucaramanga, Colombia 2010



Há 50 anos

Ela chegou mansa e sorrateira
prometendo garantir
a ordem,
a paz e a tranquilidade.
Ficou 21 anos.
Deixou um rastro,
de desmando, de censura,
de dor, tortura e
saúde...

M Isis

#poesiadodia

www.todapoesiadodia.blogspot.com.br



Contradições

Meu olhar desnudou este corpo
que chora por dentro.

Que triste não alcançar
a profundidade do espelho.

Fria superfície que detém
as pontas de meus dedos.

Sandra Regina Pontes Ferreira
01/07/2012



Corpo fechado

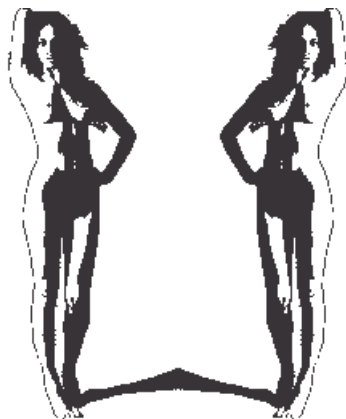
desavisado e sem pressa
senta nos trilhos
à espera do comboio

flertando com a morte
conversa com a vida
como se nada temesse

beija a boca do futuro
como quem brinca de amar
e prepara uma canção
como quem pode mais

afora o concreto
outros passos desnorreados
trafegam vias
ainda não habitadas

Cláudia Gonçalves



Vagueando

Só quero e busco, claro, ó Deus, é tenra paz.
Ter sede, sendo a sede única deste amor;
e dar de tudo sempre e sempre... Sempre amor!
Vendo a vida, tão linda, a me dar só o que apraz.

Desejo a luz da cruz e sou pó – santo mundo.
Doar sem medo e pejo – ousar e desnudar-me;
Ver-te e verter o pranto – amor sutil, fecundo:
o crível, terno e amor constante do desarme.

Credo! Creio, mas temo estar deveras frágil...
Se dó eu sinto, velo; e, penitente ao Sul,
no descaminho ébrio, eu findo ao polo Norte.

Sou vida, quero a paz repleta de amor, sorte;
e fujo da frieza insípida do azul,
enquanto sobrevivo aqui, findando o estâgio.

Nijair Araújo Pinto





Cisco

sob a envelhecida pele da fechadura
o arrolho do olho
pisca
as engrenagens
rusgam
e enrugam
pálpebras
desorientam
a órbita das pupilas
que me olham
parafusadas

os cílios
rangem
sem nada a fazer

Marcello Rossilho.



Entrelaçados

todos os entrelaçados
de claridade e sombrio,
de sonhos e fantasmas,
de tolices e sapiências,
de lisuras e saliências,
de perfeições e defeitos;
todos nós.

todos os embaraçados
de não sobressaírem
o que necessitava
ser ressaltado
em cada momento;
todos nós.

todos os medos e fracassos,
junto com todos os sucessos
não formaram nada positivo;
a vergonha ao próprio nome,
negar seu próprio direito
ou não reconhecer como seu
o destino em que se inseriu;
todos nós

passamos por isso.

*Felipe Magnus,
08/11/2012*

Horas inúteis

Saiu pela porta dos fundos
Com cara, com pés, com mãos de ladrão.
Nada levava da visita apressada,
um fardo talvez
de um apaixonado coração.

Simplesmente

A palavra que me encanta
não tem que fecundar nada
dar brilho ao amanhecer
polir o dia
enamorar lua
e banco de praça

a palavra que me encanta
é fruto figo
peixe em correnteza
marulho no olhar

é qualquer palavra
que dignifique
a simples existência...

Mara Faturi



ah meu caro

presta atenção meu caro
essa mulher não é brinquedo
tem tantas outras pelo avesso
que você nunca vai dar conta

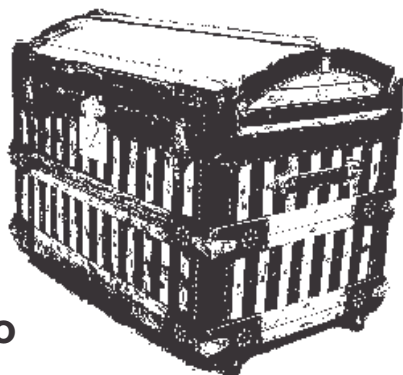
ah meu caro
e nela habita a louca
a gueisha que serve o chá
a indecorosa de quatro
amorosa no ato

não esquece meu caro
que ela arrancou o cabresto
pulou cercas de arame farpado
fez um passeio no inferno

enxerga a força dela meu caro
foi torturada apedrejada
queimada viva na fogueira
por plantar o amor-perfeito

olha que bela meu caro
suportou com doçura toda amargura
aprendeu a cura dentro da loucura
parece uma pintura
e quando ama
sabe ser só sua

Benette Bacellar



Baú

Empoeirado.
Relegado.
Renegado.

Infestado de insetos,
é agora reaberto
para ser redescoberto.

O brinquedo esquecido.
O velho vestido.
O livro ruído.

O retrato dos pais.
Um amigo que jaz.
Uma lágrima que cai.

Temas e histórias.
Tenras glórias.
Ternas memórias.

Mas, quando fechado,
é outra vez aprisionado
às correntes do Passado.

E, em silêncio ficará,
até novo despertar.

Edweine Loureiro
Japão

Lua em poesia

Pouso constante de raio de sol
somos
suas miragens...

Trilhadas passagens
suores e lágrimas
águas metálicas
asas a perfilar o rosto da noite...

Ventres brancos
livres tempos
que nos sopram
e seremos Godivas

- Lua e Poesia -
pátrias nuas em busca de galáxias.

Carmen Silvia Presotto

in Postigos, Vidráguas, Porto Alegre, 2010.

Não deixe vazar
O desejo
Pela fresta do tempo
Acariciando o vento
Para amanhecer
Em paisagem
Azul e íntima
Desses teus
Segredos
Submersos
Avessos
Versos
Sem o teu
Pretexto
Que palpita
Na ilha
Dos meus
Pensamentos



O descaso das auroras

Da perspectiva das imprecizações guardadas no ar
E dos sons que se despedaçam dos rochedos e regatos,
Impressões de espessura se resguardam do nefasto
Ofício de existir, a sede das aparências quebrantam como mar.

Sob a forma humana, na objetividade do tanto sentir
Tento adivinhar qual sabor a se escandir,
Que se oculta sob a almiscarada relva do encanto,
Pouso do interesse e do mascarado pranto.

Na boreal concepção, um frêmito desconsolado
Reúne as visões colhidas pelos círios
Dos olhos, na memória, errantes lírios
Florescendo-os no imenso prado desventurado

Da imaginação, que jorra sangue e langor
Onde imagens e sons se confundem no perfume
Da fantasia, alimentando o inevitável lume
Fraco e decadente, da vida em seu máximo palor

A brisa se debruça sobre estas visões de áureos lauréis,
E misto se torna o cenário, do qual somos todos réis
O sol nos resvala à retina apontada ao ideal fantástico
E descartamos o real em nome de um céu puro e estático!

Editado e impresso em Porto Alegre por Gente de Palavra Microeditora
www.gentedepalavra.com.br
gentedepalavra@hotmail.com

Esta edição: 100 exemplares.
Revisão: Estevão Cogoy (IEL) e Michelle Hernandes (Gente de Palavra);
redação, Michelle Hernandes;
projeto gráfico e diagramação: Renato de Mattos Motta

Conselho Editorial:
Erivoneide Barros e Paulo Roberto do Carmo

Porto Alegre, maio de 2014.

